

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**PROVA DE CONHECIMENTO ESPECÍFICO
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PGLING
Data: 29 de novembro de 2022**

ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA

- 1) Você receberá um número que será a identificação da sua prova. **Não escreva seu nome na folha de respostas, somente o número.** As provas serão corrigidas sem que a Comissão de Seleção saiba a correspondência entre o número da prova e a identidade do candidato;
- 2) **Sendo assim, não coloque seu nome em nenhuma parte desta prova;**
- 3) Leia atentamente o enunciado da questão;
- 4) Durante **uma hora**, você poderá consultar os textos indicados na bibliografia divulgada no site do Programa de Pós-Graduação em Linguística e fazer anotações nas folhas de rascunho distribuídas pelo examinador;
- 5) Decorrida esta hora de consulta, haverá a indicação para que guarde todo e qualquer material bibliográfico e conserve apenas suas folhas de rascunho;
- 6) Após o período de consulta, inicie a redação de sua prova, que terá a duração de **duas horas**.

QUESTÃO

1. Escolha dois dos excertos abaixo e discuta, para cada excerto, as ideias principais formuladas pelo autor relacionando-as com as leituras da bibliografia informada no site do POSLING para a seleção de mestrado.

TEXTO 1

A caracterização da natureza da faculdade da linguagem move os pesquisadores atuando no projeto gerativo até hoje. Relacionada a essa motivação, outra observação gerou mais uma pergunta para investigação [...]: como esse conhecimento linguístico, altamente articulado e rico, é adquirido tão rapidamente e tão cedo em nossas vidas, se os dados a que somos expostos são tão pobres? Essa questão ficou conhecida como o Problema de Platão (o problema da pobreza do estímulo): a criança, sem instrução e sem evidências diretas, usa regras computacionalmente complexas, dependentes da estruturação hierárquica característica das sentenças das línguas naturais, ao invés de usar regras computacionalmente simples, como, por exemplo, aquelas que envolvam somente a ordem linear.

NEGRÃO, E. V. A Natureza da Linguagem Humana. Fiorin, J. L. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013, p.75-110.

TEXTO 2

Durante esse primeiro período, basicamente a partir das décadas de 60 e 70 do século XX, o Funcionalismo se dedica à investigação da correlação função-forma no uso linguístico, na defesa ou no resgate das marcas icônicas deste uso. Ganham destaque no conjunto das pesquisas funcionalistas os estudos sobre gramaticalização, que se dedicam à detecção de trajetórias históricas de categorias em perspectiva mais atômica, preocupados especificamente com propriedades de forma ou de sentido caracterizadoras das referidas categorias. [...] Na contemporaneidade, o Funcionalismo de vertente norte-americana amplia seu espectro de observação e incorpora, de modo mais efetivo, a dimensão contextual. Nesse sentido, destaca-se a abordagem holística e contingencial dos usos linguísticos, na consideração de que itens não ocorrem ou produzem sentido isoladamente, de que é preciso considerar as relações contextuais. Tal reorientação corresponde ao Funcionalismo na contemporaneidade e concebe a estrutura linguística como derivada de processos cognitivos gerais, de acordo com Bybee (2010). Os usos linguísticos são, nesse âmbito, entendidos como produto da experiência, da rotinização e da perspectivização na e pela linguagem, entre outras motivações.]

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. Functionalism and Constructional Approach of Grammar. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, 2016.

TEXTO 3

No primeiro semestre de 2011, um grande debate sobre o ensino do português teve lugar na imprensa brasileira. O pretexto foi um capítulo sobre modalidade escrita e oral de linguagem e sobre variação linguística de um livro de Heloísa Ramos, intitulado *Por uma vida melhor*, destinado à Educação de Jovens e Adultos. A discussão do tema foi muito pobre, pois [...], como o livro foi distribuído pelo MEC, acusou-se o Ministério de incentivar o ensino do português errado [...]. No curso da polêmica, foram feitas afirmações como “A Linguística aceita tudo, para ela não há erro, tudo é válido”. Uma matéria da revista *Veja* [...], para desqualificar a tese de que o aluno tem que aprender que as línguas variam, usa as seguintes expressões: “tese absurda”, “falsos intelectuais”, “desserviço aos jovens”, “motor ideológico dos obscurantistas”, “desvarios dos talibãs acadêmicos”, “lixo acadêmico travestido de vanguarda intelectual”. Os Linguistas foram acusados de “trombadinhas acadêmicos”.

FIORIN, J. L. Prefácio. In Fiorin, J. L. **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013, p.7.

TEXTO 4

O que a Gramática Gerativa busca explicar são fenômenos universais ou específicos de determinadas gramáticas e não os dados empíricos observáveis. Nessa área de estudos, dados empíricos são dados relativos à aceitabilidade ou interpretabilidade de expressões linguísticas. Esses dados são altamente instáveis, estando sujeitos a muitas variáveis externas. Por exemplo, algumas pessoas são mais lenientes do que outras em seus julgamentos de aceitabilidade por motivos pragmáticos, acomodando a fala do outro com mais facilidade. Além disso, fatores relativos a escolhas lexicais podem também influenciar um julgamento de aceitabilidade. Assim, uma teoria de caráter formal sobre a linguagem humana não pode ser erguida sobre dados empíricos, mas antes sobre fenômenos que esses dados refletem.

RODRIGUES, Cilene. Ciência e Gramática Gerativa e Ciência da Gramática Gerativa. In: OTHERO, Gabriel.; KENEDY, Eduardo. **Chomsky: a reinvenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2019 (11-26).

TEXTO 5

(...) a ideia básica dos Modelos Baseados no Uso*, segundo Bybee (2016), é a de que a língua é um sistema adaptativo complexo que exhibe, ao mesmo tempo, estrutura e considerável variância e gradiência, e nunca deve ser considerada produto acabado, mas sempre emergente da aplicação ritualizada de processos subjacentes aos eventos comunicativos a que nossas habilidades cognitivas constantemente se adaptam. [...] Isso implica entender como a experiência com a língua afeta sua representação, como a frequência de uso das formas da língua impacta sua estrutura e como usos linguísticos particulares se relacionam com padrões gerais. Assim procedendo, o foco de atenção do analista volta-se diretamente para a natureza da gramática, sem desconsiderar sua variância e sua gradiência. É, então, sob esse viés teórico-metodológico que os Modelos Baseados no Uso rejeitam a autonomia da sintaxe e conjugam a semântica e a pragmática na análise da estrutura linguística.

*Segundo o autor do texto, “Modelos Baseados no Uso ou Linguística Cognitivo-Funcional, ou ainda Linguística Funcional Centrada no Uso”

Entrevista com Sebastião Gonçalves dada ao Portal Linguisticamente Falando no ano de 2019. Disponível em linguisticamentefalando.com/post/entrevista-professor-dr-sebastião-carlos-leite-goncalves-unesp-são-josé-do-rio-preto-cnpq

TEXTO 6

Dentre as várias áreas de estudos da linguagem, aquela que investiga as mudanças pelas quais passam as línguas naturais talvez seja uma das que mais despertem a curiosidade e o interesse de não especialistas. É comum vermos avós e pais comentarem, chocados, o uso que seus netos e filhos fazem da língua; [...] até mesmo políticos chegam a mostrar seu desconforto em relação às mudanças linguísticas, propondo leis e baixando decretos que visam a garantir aquilo que consideram “uso ideal” de nossa língua [...].

Curiosamente, parece que as reações às mudanças da língua tendem a ser negativas quando essas mudanças estão ocorrendo em tempo real. Quando mencionamos que palavras usadas em nossa vida cotidiana, como alface, elixir, laranja ou xadrez, vieram a fazer parte do léxico da nossa língua pelo contato que o português teve com o árabe, ninguém parece incomodar-se. Ou se descrevemos o percurso histórico de nosso pronome você, a partir da forma de tratamento *vossa mercê*, passando por *vossemecê* e *vosmecê* até chegar à forma atual, todos se interessam.

VIOTI, E. Mudança Linguística. In Fiorin, J. L. **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013, p.7, p. 137-138